

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO ENTRE
FAMÍLIAS DE CLASSE POPULAR E SEUS REFLEXOS
NO DESEMPENHO DO ALUNO EM SALA DE AULA**

SÃO CRISTÓVÃO

2011

MARA RUTE SANTOS BOMFIM

**PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO ENTRE FAMÍLIAS
DE CLASSE POPULAR E SEUS REFLEXOS NO DESEMPENHO
DO ALUNO EM SALA DE AULA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Departamento de Educação da Universidade Federal
de Sergipe como requisito parcial a obtenção do
grau de licenciada em Pedagogia

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Maria Freitas Teixeira

SÃO CRISTÓVÃO

2011

MARA RUTE SANTOS BOMFIM

**PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO ENTRE FAMÍLIAS
DE CLASSE POPULAR E SEUS REFLEXOS NO DESEMPENHO
DO ALUNO EM SALA DE AULA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Departamento de Educação da Universidade Federal
de Sergipe como requisito parcial a obtenção do
grau de licenciada em Pedagogia

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Ana Maria Freitas Teixeira - Orientadora

Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Educação

Prof^ª. Dra. Silvana Bretas.

Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Educação

Prof^ª. Dra. Christine Jacquet

Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Ciências Sociais

SÃO CRISTÓVÃO

2011

Dedico este trabalho as famílias que abriram as portas das suas residências e de certa forma das suas vidas, tornando essa pesquisa possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus porque sei que diante Dele estão todos os meus caminhos e também sei que a sua mão está sempre estendida a conceder-me ânimo para realizar com êxito meus projetos de vida.

A minha família fonte de inspiração deste trabalho. Por intermédio dessa pesquisa pude compreender as barreiras que tiveram de ultrapassar para que eu pudesse estar aqui escrevendo os agradecimentos desta pesquisa.

A minha orientadora, Ana Teixeira, por ter acompanhado essa pesquisa do momento em que ela foi concebida até a sua conclusão. Suas orientações foram de grande valia para a concretização deste trabalho.

As famílias que me receberam em seus lares e que expuseram, brilhantemente, suas concepções sobre escolarização.

As minhas amigas da universidade, Hellen, Laís e Ana Paula pela amizade e companheirismo.

A todos vocês meus sinceros agradecimentos

"O que é uma família senão o mais admirável dos governos?"

-Lacordaire , Henri

RESUMO:

O presente estudo objetiva analisar a concepção de famílias de classes populares sobre Educação escolar de seus filhos, buscando entender o que elas estabelecem como relevantes para um bom desempenho escolar. Sendo a família uma instituição de suma importância para a vida e formação do cidadão, pretende-se com esta pesquisa identificar a presença ou ausência de valores familiares no contexto escolar, pautando as aspirações dos investigados em relação à trajetória escolar de seus filhos e se tal fato interfere na vida escolar dos mesmos. Almeja-se nesse estudo, dar voz a famílias de camadas populares para que discorram sobre o que pensam sobre a escolarização, identificando assim, o significado de educação para elas. Além de examinar o êxito escolar na perspectiva da família, considerando que a exclusão da classe popular à escolarização é algo que se constitui historicamente e muitos são os obstáculos a serem transpostos pelas crianças provenientes das camadas populares para adquirir êxito em seus estudos, uma vez que a cultura requerida pela escola difere e diversas vezes se opõe as difundidas pelas de suas famílias.

Palavras-chave: Família, Fracasso escolar, Êxito escolar.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1:** Proporção quanto ao sexo dos chefes das famílias entrevistadas (%).
- Quadro 2:** Perfil das Chefes de Família quanto a Faixa Etária.....
- Quadro 3:** Perfil das Chefes de famílias quanto ao Estado Civil.....
- Quadro 4:** Perfil das chefes de famílias quanto a Moradia.....
- Quadro 5:** Perfil das chefes de famílias quanto ao número de filhos e o número de pessoas que moram na casa.....
- Quadro 6:** Perfil das chefes de famílias quanto o grau de Escolaridade.....
- Quadro 7:** Perfil das chefes de famílias quanto a Religião.....
- Quadro 8:** Perfil das chefes de famílias quanto à Renda Familiar.....
- Quadro 9:** Perfil dos alunos do 5º ano A investigados quanto ao sexo e idade.....
- Quadro 10:** Perfil dos alunos do 5º ano B quanto ao sexo e idade.....

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA.....	13
• A escola na visão das famílias de classe populares e as estratégias utilizadas para manter seus filhos na escola.	
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
• Aspectos gerais: Identificando o campo e os sujeitos da pesquisa	
• Os instrumentos de coleta de dados	
• Desenvolvimento do trabalho de campo: a escolha dos alunos e o encontro com as famílias	
CAPÍTULO III: O OLHAR DAS FAMÍLIAS DE CLASSE POPULAR SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DE SEUS FILHOS.....	29
• Perfil geral das famílias	
• As concepções das famílias em relação à escolarização de seus filhos e as estratégias desenvolvidas por elas para acompanhar os seus estudos	
• Perfil geral dos alunos	
• Escolarização na visão dos alunos:	
• Paralelo entre a concepção das famílias e filhos	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE.....	51

INTRODUÇÃO:

A realização desta pesquisa teve por objetivo analisar a concepção das famílias de classes populares sobre a educação e escolarização de seus filhos. O interesse em pesquisar essa temática tem relação com o papel da minha família em minha própria trajetória educacional, visto a importância atribuída por meus pais à educação resultando em incentivos constantes que foram fundamentais em minha trajetória escolar. Além disso, a minha experiência como professora do ensino fundamental me possibilita o contato direto com alunos das camadas populares.

Esse estudo se propõe em seus objetivos específicos investigar as aspirações da família em relação à trajetória escolar de seus filhos e seus reflexos sobre o desempenho do aluno em sala de aula, bem como identificar as formas de acompanhamento das famílias nos assuntos escolares dos seus filhos.

Este trabalho de pesquisa se desenvolveu em duas etapas básicas, quais sejam primeiramente em uma análise teórica da literatura sobre o tema mediante a leitura de autores como: Maria Alice Nogueira, Lea Pinheiro Paixão, Lahire, Geraldo Romanelli, dentre outros. Numa segunda etapa realizamos um levantamento de dados no município de Marum, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cel. Sabino Ribeiro ¹ a fim de identificarmos alunos e famílias que correspondessem ao perfil da nossa pesquisa.

Utilizamos a fim de coletar dados, dois tipos de questionários semi-estruturados composto por perguntas abertas e fechadas, um foi aplicado a alunos do 5º ano “A” do ensino Fundamental que não tiveram reprovações ao longo de sua trajetória escolar e alunos do 5º ano “B” que, diferentemente, sofreram a reprovação e tenham participado de programas de aceleração do fluxo escolar. E o outro questionário aplicamos às famílias desses alunos nas suas próprias residências, anotando as respostas formuladas pelo responsável da maneira mais fidedigna possível. Os dados obtidos visam, através das análises, ajudar na identificação da concepção das famílias a respeito dos estudos dos filhos e se essa concepção afeta, de alguma maneira, o desempenho escolar desses alunos .

Pesquisas sobre essa temática tem sido desenvolvidas no campo da Sociologia da Educação e tem demonstrado que o conhecimento transmitido pela família, bem como sua concepção sobre a importância da educação e suas práticas de escolarização

¹ Apesar de identificarmos a escola a identidade dos sujeitos foi preservada pelo anonimato

² Essas informações estão disponíveis no site da Fundação Ayrton Senna: <http://senna.globo.com>

pode influenciar o desempenho do aluno. Contudo, acreditamos que esses estudos devem ser ampliados e aprofundados para que possamos melhor compreender a relação família-escola, uma relação complexa e que requer uma análise aprofundada considerando que tanto a família como a escola vem sofrendo transformações no decorrer da história.

Esse tema foi escolhido por ser um tema abrangente podendo ser estudado sob seus diversos aspectos, mas optamos por abordá-lo através do olhar das famílias de meios populares, levando em consideração que a família é relevante na formação do indivíduo, bem como assume uma tarefa educativa.

Objetivamos nessa perspectiva dar voz as famílias das camadas populares para que discorram a respeito do que pensam sobre a escolarização de seus filhos identificando, assim, o significado de educação para elas.

Analisaremos as expectativas, ou mesmo a ausência de expectativas, em relação aos estudos de seus filhos, o que é êxito escolar na concepção dessas famílias, uma vez que, a exclusão da classe popular a escolarização é algo que se constitui historicamente e muitos são os obstáculos que os alunos provenientes das camadas populares devem transpor para conquistar êxito em seus estudos, já que a cultura requerida pela escola difere e se distancia daquela que caracteriza suas famílias.

De acordo com Paixão (2007), no discurso dos professores, as famílias de origem popular são responsabilizadas, muitas vezes, pela ausência de padrões de comportamentos considerados desejáveis no ambiente escolar acreditando que são poucas as famílias provenientes dessas classes que se interessam pela vida escolar de seus filhos.

O baixo nível de escolarização das famílias das camadas populares, também pode ser considerado fonte de conflito no que diz respeito à participação dessas famílias na vida escolar de seus filhos, uma vez que a ausência de domínio de conteúdos escolares pode limitar o auxílio da família nas atividades escolares que seus filhos devem realizar no ambiente doméstico.

Nogueira (2002) analisando as teorias da reprodução em educação formuladas por Bourdieu evidencia que os alunos de camadas populares encontrariam maiores obstáculos a serem transpostos, uma vez que a escola exige de forma consciente ou inconsciente, uma relação familiar com a cultura e com a linguagem das classes mais favorecidas, gerando assim menores possibilidades para alunos oriundos das classes

populares de alcançar o sucesso escolar na proporção que a escola selecionaria os alunos que possuíssem a cultura semelhante a difundida por ela.

Nesse sentido, as oportunidades na escola não são distribuídas de maneira igualitária, devido aos mecanismos de seleção social e cultural existente em seu interior, contribuindo dessa forma para frustrar a possibilidade de êxito dos alunos de origem popular, enquanto consagraria seus esforços em direção àqueles alunos pertencentes a classes dominantes, detentores do capital cultural hegemônico.

Em contrapartida, estudos de Lahire (2008) evidenciam trajetórias escolares de sucesso nas camadas populares identificando elementos que contribuem para o êxito de alunos oriundos dessa parcela da população, tais como: o apoio moral afetivo, investimento em materiais escolar e até o fato dos pais não deixarem seus filhos trabalharem antes de concluírem seus estudos.

Apesar de inúmeros estudos indicarem a importância da participação da família na escola, esse não pode ser visto como um fator determinante para o bom desempenho escolar. Pesquisas evidenciam que o desempenho escolar dos alunos é um processo que se desenvolve na escola e que é influenciado pela família, nesse sentido, o desempenho escolar não depende exclusivamente da família, a escola também não deve se eximir de suas funções remetendo unicamente a família a responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos.

Diante de todas as barreiras que as famílias de classes populares enfrentam para acompanhar a escolarização dos filhos, muitas vezes criando dinâmicas próprias para efetivar esse acompanhamento cabe ouvirmos essas famílias sobre o que elas pensam sobre a escolarização e ouvirmos os filhos dessas famílias a fim de analisarmos os reflexos desse acompanhamento no desempenho em sala de aula.

Desta forma, procuramos no primeiro capítulo fazer uma análise teórica da relação família-escola evidenciando as estratégias de acompanhamento escolar desenvolvidas pelas famílias dos meios populares, os fracassos e sucessos escolares que atingem essa classe.

No segundo capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos no qual identificamos o campo e os sujeitos da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e o desenvolvimento do trabalho de campo.

No terceiro e último capítulo apresentamos, a partir da investigação de campo, a concepção das famílias sobre a escolarização de seus filhos e o reflexo dessa concepção no desempenho do aluno em sala de aula.

CAPÍTULO I

RELAÇÃO FAMÍLIA - ESCOLA

Compreende-se que a família é habitualmente o primeiro grupo social do qual fazemos parte e dentre todas as outras instituições sociais é a que desenvolvemos contatos mais íntimos, sendo considerada através das funções que desempenha uma instituição fundamental na sociedade e na formação do cidadão.

No ambiente familiar são transmitidos valores, padrões de comportamento, crença, conhecimentos, atitudes, normas e modelo de conduta visando a formação do indivíduo como sujeito de direitos e deveres no próprio âmbito familiar como no domínio público. No que se refere a transmissão desses hábitos, conhecimentos e atitudes necessárias para participação dos filhos na vida social, a família desempenha uma função educacional.

Nesse sentido, a família e a escola visam á educação do indivíduo, a primeira de forma assistemática e a segunda de maneira sistematizada, existindo, entretanto, apesar dessa diferença no modo de educar, uma estreita relação entre a família e o desempenho do aluno na instituição escolar.

A família também, de acordo com Bourdieu (1989 apud NOGUEIRA e CATANI: 1998 p.20), transmite a seus filhos, por vias mais indiretas que diretas, um certo capital cultural, que consiste em conhecimentos culturais, facilidade lingüística, atitudes e posturas que contribuem para um bom desempenho escolar.

Contudo, esse capital cultural é mais evidente nas classes favorecidas e seus filhos ao ingressarem na escola são considerados privilegiados, uma vez que dentro do contexto familiar já recebiam a cultura considerada legítima e a escola só reforçaria ainda mais essa cultura.

Em contrapartida os alunos das classes populares encontrariam maiores obstáculos a serem superados, a medida que a escola exige de forma consciente ou inconsciente, uma relação familiarizada com a cultura e com a linguagem similar aos das classes favorecidas, provocando assim menores possibilidades de alcançar o sucesso escolar aos alunos provenientes das camadas populares.

Entende-se, nessa perspectiva, que a escola selecionaria os alunos cuja cultura fosse semelhante a difundida por ela. Nesse sentido, as desigualdades sociais se

converteriam em desigualdades escolares uma vez que a escola não daria oportunidades iguais para todos, mas, pelo contrário, ela teria um papel importante na conservação e legitimação das desigualdades culturais.

A escola também é percebida por estudiosos como uma instituição a serviço das classes dominantes e como aparelho ideológico do Estado, a medida que priorizar a transmissão da cultura e dos valores das classes favorecidas em detrimento da cultura das classes populares. De acordo com Bertan (2005) os modelos de educação e de administração escolar são estabelecidos na burocracia, na hierarquização, conforme os princípios da racionalização técnica, da eficiência, objetivando o preparo das classes populares à submissão. Nessa lógica a escola se constitui como um meio que visa garantir a dominação social.

O currículo escolar desempenha um papel muito importante e é apontado por Garcia e Alves (2000) por sua função hegemônica que despreza por vezes os conhecimentos construídos pelas classes populares no seu cotidiano os quais vão sendo negados na escola, passando a ser desconsiderados pelo sistema de ensino.

Conforme Paro (2004), os professores da escola pública não têm um objetivo educacional voltado para as camadas trabalhadoras. O autor evidencia que em décadas passadas a escola pública tinha por usuários os filhos das camadas altas e médias e que o objetivo educacional era prepará-los para ingressarem na universidade, atualmente com a mudança de usuários das camadas altas e médias pelos filhos das camadas trabalhadoras a escola pública, na visão do autor, passa a não ter objetivo definido. Sobre esse assunto Paro ressalta:

É preciso, pois, antes de mais nada, refletir a respeito da necessidade de um novo objetivo para a escola pública, já que nova é sua população usuária. Mas isto não significa reivindicar um ensino mais pobre para as populações pobres, no pressuposto de que estas podem se contentar com menos ou de que têm menos competência intelectual para se apoderar de um saber mais elaborado, mas sim buscar o provimento de um ensino adequado aos interesses dessa população, interesses estes que são diversos, e em muitos aspectos antagônicos, aos dos grupos que antes faziam uso da escola pública fundamental. Em vez disso, o que se constata é que a rede pública de ensino tem utilizado praticamente os mesmos currículos, os mesmos programas, os mesmos métodos e conteúdos, estes apenas mais “aligeirados” e distribuídos em períodos maiores, com a suposição de que a população pobre, por ser carente, é menos capaz, tem aprendido mais “lento”, precisando, pois, de maior tempo para aprender (PARO, 2004, p.87).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, artigo 3º inciso I o ensino deve ser ministrado conforme os princípios de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, todavia é muito difícil falar em igualdade em um país marcado por desigualdades sociais. As famílias das camadas populares tiveram no decorrer da história o acesso negado a escolarização e por um longo período estiveram fora da instituição escolar e a maioria, quando conseguem ingressar nessa instituição, tem dificuldade em manter-se nesse ambiente.

Por mais que esse discurso de igualdade seja uma idéia que tem suas bases no pensamento liberal, segundo Cunha (1980), o liberalismo visava no que se refere à educação, uma escola que não estivesse a serviço de nenhuma classe social, de nenhum privilégio de herança ou dinheiro, de nenhum credo religioso ou político. Nessa perspectiva a instrução não deve estar reservada às elites ou classes dominantes, nem ser um instrumento aristocrático para servir a quem tem tempo e dinheiro.

Entretanto, observamos que esse ideal proposto pelo liberalismo e acolhido pela LDB em vigor se contrapõe à realidade, principalmente aquela vivida pelas famílias de classe popular, que apesar de seus filhos ingressarem na escola, uma grande parcela dessa população sofre o fracasso escolar e esse é um dos fatores que motivam as famílias a retirarem seus filhos dessa instituição, encerrando precocemente suas trajetórias escolares.

Conforme Pereira (2005) frente à questão do fracasso escolar nas camadas populares não se deve procurar culpados individuais, (professores, crianças ou família), todavia tal questão deve ser analisada como sendo um problema social com múltiplas dimensões, econômicas, socioculturais, político, que por vezes constitui-se em entraves a participação efetiva do indivíduo no processo de aprendizagem escolar.

Na concepção de Lahire (2008) o fracasso escolar está atrelado á solidão dos alunos no universo escolar, a ausência dos conhecimentos sobre as regras do jogo escolar, a falta de comportamentos próprios à escola e de orientação cognitiva, fatores que impossibilitam as crianças de responderem adequadamente as exigências escolares. Essa solidão evidenciada pelo autor não se restringe ao espaço escolar, pois quando retornam as suas residências a família, por falta do domínio dos conteúdos escolares, não conseguem ajudar seus filhos a realizar as tarefas que trazem da escola.

Contudo, apesar de tantos obstáculos a serem superados, conforme Lahire (2008), as crianças provenientes de classes populares embora possuam um capital cultural

diferente do requerido pela escola, podem apropriar-se dos conhecimentos escolares, mesmo não tendo herdado um capital cultural hegemônico de contexto familiar.

Lahire (2008), em seus estudos, revela o sucesso escolar nas camadas populares como casos de exceções que só são possíveis por meio de um esforço muito grande por partes das famílias e dos próprios alunos, para que as carências materiais e educacionais possam ser enfrentadas e superadas mediante múltiplas estratégias.

Por outro lado, para entender a ligação entre família e escola é necessário levar em conta as transformações na estrutura familiar. De acordo com Paixão (2007), essas mudanças podem ser vistas nos diferentes arranjos familiares, na existência de famílias reconstituídas, ou presididas por avós e ainda destaca o lugar ocupado pela mulher na sociedade atual, onde um maior número delas exercem profissão remunerada fora de casa e em decorrência de suas atividades, dispõe de pouco tempo para acompanhar a escolarização de seus filhos.

Essas modificações na estrutura familiar resultam em uma transferência da tarefa de socializar, antes mais restrita ao espaço doméstico, demandando uma participação maior da instituição escolar, que passa a ter novas responsabilidades e a não mais se limitar apenas à transmissão de conhecimento de ordem cognitiva, mas a se ocupar da formação integral do indivíduo. Pereira (2005) evidencia que a ausência das famílias no espaço escolar não deve ser entendida como omissão familiar e nem ser associado à indiferença e descaso nas questões escolares de seus filhos.

Outro motivo apontado por Paixão (2007) que contribui para essa participação maior da escola na formação da totalidade do indivíduo são as alterações do corpo discente com a incorporação maciça de filhos de famílias de camadas menos favorecidas cujos padrões de comportamentos se afastam daqueles considerados desejáveis para a educação escolar.

O sistema de ensino recebe, atualmente, crianças que dele estavam excluídas há algumas décadas. São crianças de origem mais pobre que trazem de casa estilos de vida e de educar diferentes daqueles que organizam o universo escolar. E, em decorrência disso, são consideradas pela escola como crianças carentes de socialização.

Quando a escola afirma que as crianças ingressam na instituição escolar sem socialização estão, conforme Paixão (2007), confrontando modos de socialização e avaliando-os a partir daquele considerado mais legítimo: o modo escolar de socialização.

Para Carvalho (2000), o papel socializador da família, na visão da escola é revalorizado em seu caráter disciplinar. A escola espera que a família seja menos permissiva desempenhando sua autoridade impondo limites a seus filhos.

Conforme Chechia e Andrade (2005) a escola vem cobrando não só a presença da família, mas a participação ativa dessa família no cotidiano escolar dos seus filhos a fim de contribuírem com a escola para obtenção de um trabalho equilibrado entre essas duas importantes instituições sociais.

Bertan (2005) ao analisar a gestão democrática, que tem como um dos seus objetivos a participação das famílias na instituição escolar, conclui que a escola ainda não abriu espaços necessários para as famílias e continua a adotar mecanismo de exclusão.

Em sua pesquisa, as famílias, como evidencia Bertan (2005), somente são chamadas a escola quando seus filhos estão fracassando nos estudos, quando não fazem as tarefas escolares ou por questões de disciplina, sendo assim, a família quando é solicitada a comparecer na escola torna-se alvo de reclamações, constrangimentos ou para atender as solicitações dos professores.

É importante ressaltar que, a família de classe popular, como afirma Mello (2000) é alvo de preconceito por parte de amplos setores da sociedade, sendo, muitas vezes, responsabilizadas por problemas que são de origem social. Nessa perspectiva a condição de pobreza é considerada como uma patologia social. A respeito da família de classe popular Mello afirma que:

[...] De modo muito claro, a família é declarada incompetente. Seus membros adultos são desqualificados culturalmente. Suas funções essenciais de socialização são responsáveis pela geração de “personalidade deformada”, ou seja, inaceitáveis, capazes de cometer as mais bárbaras atrocidades (MELLO 2000 in CARVALHO, 2000, p.52).

Esse pensamento também se estende á escola, dessa forma, a educação que as famílias de camadas populares outorgam aos seus filhos, não é considerada pela instituição escolar e existem alguns hábitos que os alunos adquirem no convívio familiar que a escola desconsidera.

Conforme Paixão (2007), na visão de professores, existe tarefas próprias da escola que é ensinar e outras são atribuições da família como socializar, no sentido de transmitir boas maneiras, regras de comportamento em geral, essas atitudes

contribuiriam para que a criança, ao ingressar na instituição escolar, estivesse preparada para o processo de aprendizagem.

Contudo mesmo delimitado os papéis, a escola requer da família, uma colaboração no desenvolvimento de atividades que, de acordo com essa divisão de tarefas, seriam de seu encargo, nesse sentido, a escola se exime da socialização, entretanto passa a requer da família além da socialização a colaboração nas atividades escolares a fim de que haja um bom desempenho do aluno.

É um fator relevante ao estudarmos as classes populares, conforme Mello (2000), a importância que essas famílias atribuem para aos laços familiares, mas para compreendermos como esses laços são concebidos é necessário que haja uma ampliação do conceito de família e considerar a família não como um conjunto homogêneo, mas um universo de relações.

A escola desconsiderando as mudanças na estrutura familiar continua almejando a família nuclear, compostas por pai, mãe e filhos que vivem sobre um mesmo teto. Fora desse contexto, as famílias são consideradas “incompletas” e “desestruturadas”. Essas são as mais responsabilizadas por problemas emocionais, desvios de comportamento delinquência e fracasso escolar. (SZYMANSKY 2000 in CARVALHO, 2000).

A escola na visão das famílias de classe populares e as estratégias utilizadas para manter seus filhos na escola:

Nessa relação família e escola, faz-se necessário considerar como a família percebe a escola. De acordo com Romanelli (1995), são os fatores de ordem cultural, presentes nas representações da família acerca do significado e do valor da escola que contribuem para ordenar a ação da família quanto á escolarização dos filhos.

Pesquisas realizadas por Gomes (GOMES 2000 in CARVALHO, 2000), em bairros populares, demonstram a importância da escola para essas populações, mas suas expectativas em relação à mesma, por vezes é frustrada. Sobre isso ela diz:

A escolarização dos filhos aparece, sem dúvida, como um dos fatores relevantes da luta pela sobrevivência (...) Porém, ao longo dos anos, eles fazem o percurso das grandes esperanças á enorme desesperança. Ou, para usar palavras menos duras do sonho á crua realidade. Se a maioria chegou, em algum momento, a depositar na escolarização prolongada dos filhos a esperança de vida melhor para eles, frustrou-se. Aos poucos, á medida que as crianças cresciam, que as

dificuldades escolares se revelam quase insuperáveis (...). A escola deixou de se construir em uma garantia de um futuro melhor (GOMES 2000 in CARVALHO, 2000, p.70).

Paixão (2005), ao analisar a relação família-escola em um grupo de catadoras de um lixão aponta para o fato de que todas valorizam a instituição escolar, entretanto o sistema de ensino por desconhecer a realidade dessas catadoras e conseqüentemente o que elas pensam sobre a escolarização, ignora as evidências dessa valorização.

Em relação às expectativas que as mães têm em relação à escolarização dos filhos difere da maioria de outros grupos sociais, para as catadoras o sucesso escolar de seus filhos não consiste na aprovação, mas que seus filhos aprendam a ler e a escrever e que permaneçam na escola. Conforme Paixão (2005), as mães não se preocupam com a distorção idade-série e nem com a obtenção de diplomas, almejam que seus filhos não tenham que trabalhar no lixão, pois consideram que se trata de um trabalho desqualificado socialmente.

De acordo com Goddard, Tschannen e Hoy (2001, apud CHECHIA E ANDRADE, 2005) a família dos meios populares, diante do insucesso escolar de seus filhos o aceita sem questionamento atribuindo, muitas vezes, o insucesso a situação de deficiência da criança relacionada a causas orgânicas, mentais e motivacionais.

As famílias das camadas populares nutrem diferentes expectativas em relação à instituição escolar. Conforme Paixão (2007), essas famílias esperam que a escola seja parceira na tarefa de socializar seus filhos. Quando a família é frustrada em relação a essa aspiração, os pais recorrem a outras instâncias de socialização, uma das mais demandadas é o trabalho. Sendo assim a escola, na prática, estaria contribuindo para uma inserção cada vez mais precoce no mundo do trabalho.

Em contrapartida, muitas famílias acreditam na educação escolar como uma forma de promoção social e por isso mantém seus filhos estudando, no entanto o fracasso escolar é um fator desestimulante para a permanência dos filhos na escola.

Para manter seus filhos na instituição escolar as famílias oriundas dos meios populares desenvolvem estratégias que possibilitam seus filhos a apropriar-se dos saberes escolares e obter sucesso em sua trajetória escolar. Essas famílias passam a acreditar na escolaridade como fator de melhoria de condições de vida de seus filhos.

A fim de suprir a carência de domínio de conteúdos escolares à família passa a requerer de seus filhos bom comportamento no ambiente escolar, respeitando a autoridade do professor, prestando atenção na aula, realizando as tarefas que o professor solicita, não desviar atenção com brincadeiras e estudando. Essas atitudes, segundo

Lahire (2008), consistem em ações socializadoras que visam, por intermédio da ordem material, afetiva e moral, desencadear na criança atitudes importantes na escola.

Lahire (2008), ao abordar a questão do acompanhamento das famílias das camadas populares nas tarefas escolares evidencia diversas maneiras para acompanhar os estudos de seus filhos em casa, atitudes como sancionar notas baixas, certificar-se de que as tarefas escolares sejam realizadas, monitorar o tempo destinado a realização das tarefas, restringir o tempo em que seus filhos passam assistindo televisão, são intervenções consideradas pelo autor como domínio periférico, ou seja, um controle indireto e exterior da escolaridade o qual, do ponto de vista pedagógico, não se baseiam essencialmente no domínio de conteúdos escolares.

Muitas famílias interessadas em que seus filhos alcancem êxito nos seus estudos, e almejando propiciar aos mesmos condições necessárias para um bom desempenho fazem um hiperinvestimento. Sobre esse investimento em educação Lahire ressalta:

Alguns pais podem fazer da escolaridade a finalidade essencial, e até exclusiva, da vida dos filhos, ou mesmo de sua própria: pai que aceitam viver no desconforto para permitir que seus filhos tenham tudo o que necessitam para “trabalharem” bem na escola, pais que sacrificam o tempo livre para ajudar os filhos nas tarefas escolares, tomando lições, lendo os mesmos livros que os filhos para poder discutir com eles e verificar se compreenderam bem, pais que aumentam o número de exercícios de lição de casa ou que pedem aos filhos para lhes escreverem algumas historietas, ou ler-lhes trechos de livros... a escolaridade pode torna-se, em alguns casos, uma obsessão familiar, e podemos estar diante de um hiperinvestimento escolar ou pedagógico: fazer mais que os outros para estarem seguros do “sucesso” escolar dos filhos, reduzidos a estatuto de alunos. Os pais sacrificam a vida pelos filhos para que cheguem aonde gostariam de ter chegado ou para saírem da condição sociofamiliar em que vivem (LAHIRE, 2008, p.28 e 29)

Conforme Paixão (2007), as famílias dos meios populares estão cientes que a escola pode promover o distanciamento dos filhos na medida em que os comportamentos aprendidos na escola se confrontam com o modelo de educar da família. A autora se reporta a alguns romances que dão testemunho do sofrimento de pessoas provenientes de camadas menos favorecidas, mas que tiveram sucesso no seu processo de escolarização, mas que viveram na instituição escolar a vergonha de si mesmo, vergonha do modo de ser, de falar, de se comportar e até dos valores de seus pais.

Nessa perspectiva as famílias das camadas populares, segundo Paixão (2007), desenvolvem uma relação ambígua com a escola, onde se percebe a valorização da escolarização e convivem com sentimentos negativos que resultam da forma como a escola às avaliam.

A relação complexa entre família e escola, as dificuldades enfrentadas pela família de classe popular para contribuir na escolarização dos filhos, desenvolvendo dinâmicas próprias a fim de acompanhar os estudos dos mesmos, o fracasso escolar que freqüentemente atinge os alunos oriundos dessa camada, ao tempo em que o sucesso é considerado, muitas vezes, como exceção, nos motivaram, nessa pesquisa, a ouvirmos a concepção das famílias de classes populares do município de Maruim sobre a educação escolar de seus filhos e as práticas adotadas por elas para acompanhar seus estudos, ouvindo também o que os alunos, filhos dessas famílias, pensam sobre a escolarização.

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Essa pesquisa consiste em um estudo sociológico de natureza qualitativa. Conforme Minayo (1994), a pesquisa de natureza qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização da realidade. (MINAYO, 1994, p.21e 22).

Aspectos gerais: Identificando o campo e os sujeitos da pesquisa

Para a concretização dessa pesquisa realizamos, inicialmente, um levantamento bibliográfico que constituiu o suporte teórico para as análises de nossos dados. Posteriormente organizamos nosso trabalho de campo definindo como campo de pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cel. Sabino Ribeiro, que está situada no município de Maruim. A referida escola é a maior do município e é considerada pela população local como a melhor escola municipal de Maruim, atende cerca de 930 alunos distribuídos nos três turnos: no período da manhã atende alunos do 1º ao 5º ano, no turno da tarde alunos do 6º ao 9º ano e a noite a escola atende jovens e adultos.

No turno da manhã onde identificamos os alunos sujeito de nossas pesquisas e respectivamente suas famílias, estudam cerca de 300 alunos. Funcionam nesse turno, duas turmas de cada ano e uma turma do Se liga e outra do Acelera.

O espaço físico da escola é formado por 12 salas de aulas; 1 cozinha; 1 secretaria; 1 sala de professores; 1 diretoria; 3 banheiros; 1 almoxarifado; e 1 depósito (dispensa) de merendas, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática.

Apesar de ser a maior escola municipal de Maruim a sua estrutura não dispõe de espaços para lazer, não possui quadra esportiva, nem refeitório. Entretanto, possui um pátio coberto e um pátio a céu aberto, únicas áreas de lazer da escola. O laboratório de informática não pode ser utilizado pelos alunos, a biblioteca é aberta para pesquisa, mas os alunos não podem pegar livros emprestados.

Algumas vezes, ao longo do ano escolar, falta a merenda escolar, o que ocasiona muito transtorno, desde encerramento antecipado das aulas até alunos passando mal por carência de alimentação. Tal fato causa também um desconforto para as famílias que não tendo condição de fornecer o lanche dos filhos, comparecem freqüentemente á escola para informar-se sobre a normalização no fornecimento da alimentação.

Essa escola foi escolhida por campo de pesquisa porque atuo como professora do 1º ano do ensino fundamental na referida instituição e pela sua notoriedade na comunidade local e, principalmente, por atender crianças oriundas da camada popular.

Escolhemos o 5º ano como ponto de partida para nossa pesquisa porque são alunos que estão no último ano do ensino polivalente, já tendo traçado certa trajetória escolar, diferentemente da turma na qual atualmente leciono que são crianças de 6 anos com trajetória escolar mais curta não tendo ainda enfrentado situações de reprovação. Assim, a opção por desenvolver a investigação a partir dos alunos do 5º ano se coaduna com nosso objetivo de analisar o papel da família no desempenho de alunos que descrevem trajetórias de sucesso e de fracasso escolar, ambos oriundos de famílias de classe popular.

Através da intermediação dos professores escolhemos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, 3 (três) que não reprovaram ao longo de sua trajetória escolar e estão no 5º ano sem ter passado por programas de aceleração e 3 (três) com distorção idade-série tendo já participado de programas de aceleração. Essa escolha foi feita porque pretendíamos, com essa demarcação de critérios, assegurar a possibilidade de examinar mais de perto o papel da família no desempenho dos alunos.

É importante assinalar que ao nos referirmos aos programas de aceleração estamos nos remetendo, particularmente, aos Programas Se Liga e Acelera. De acordo com Torres e Jesus (2008), os programas Se Liga e Acelera são uma proposta do Instituto Ayrton Senna que tem por finalidade alfabetizar alunos com distorção idade-série não alfabetizados das quatro primeiras séries do ensino fundamental. Esses programas educacionais foram adotados em Sergipe como políticas públicas nos anos de 2004 e 2006, as autoras evidenciam que tais medidas foram tomadas pelo governo com o objetivo de resolver o problema da retenção escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O programa Se Liga tem como objetivo principal alfabetizar crianças dos anos iniciais que ainda não desenvolveram as habilidades de leitura e escrita, embora tenha frequentado a escola por vários anos².

O programa Acelera objetiva combater os baixos níveis de aprendizagem que causam a repetência escolar na primeira fase do ensino fundamental visando dotar esse aluno, que repetiu duas ou mais vezes nas turmas regulares, dos conhecimentos necessários para seguir com sucesso sua trajetória escolar.

Quando são inseridos novamente na rede regular de ensino muitos desses alunos “acelerados” não conseguem acompanhar os assuntos do ano ao qual foi promovido e continuam em desvantagem se comparados aos que cursaram o ensino regular.

Os três alunos que participaram de programas de aceleração estudam na 5º ano “B” e os outros 3 são alunos do 5º Ano “A” que não sofreram a repetência e por esse fator não participaram de programas de aceleração, são considerados pela professora como “bons alunos”, aqueles que têm boas notas, participam na aula e que realizam as “atividades de casa”. Essa escolha nos possibilitou analisarmos trajetórias diferentes marcadas por êxitos e fracassos escolares de filhos de família de classe popular.

Identificados os alunos que atendiam ao perfil da pesquisa, procuramos estabelecer contatos com suas famílias para aplicarmos os questionários destinados as mesmas. Os questionários direcionados às famílias foram aplicados nas respectivas residências. As perguntas foram feitas ao familiar sempre procurando adaptar a linguagem utilizada e as respostas foram anotadas da forma mais fidedigna possível.

Os instrumentos de coleta de dados

Utilizamos a fim de coletar dados, dois questionários semi-estruturados composto por perguntas abertas e fechadas. Um deles foi aplicado a alunos do 5º ano “A” do ensino Fundamental que não reprovaram ao longo de sua trajetória escolar e com alunos do 5º ano “B” que sofreram a reprovação e que tinham participado de programas de aceleração escolar. O outro questionário foi aplicado às famílias desses alunos nas suas próprias residências: fazíamos a pergunta e anotávamos as respostas de maneira fidedigna. A estratégia de adotarmos dois questionários distintos, um direcionado aos alunos e outro às suas famílias, deveu-se a nosso interesse de

² Essas informações estão disponíveis no site da Fundação Ayrton Senna: <http://senna.globo.com>

analisarmos a existência, ou não, de pontos comuns ou distintos nas opiniões desses sujeitos. A respeito do uso dos questionários semi-estruturados, Bogdan e Biklen (1994), evidencia que o caráter flexível das questões abertas propicia aos sujeitos responderem as perguntas conforme a sua perspectiva pessoal. O questionário foi estruturado com 25 questões, 13 com questões fechadas e 12 abertas.

O questionário aplicado às famílias contém perguntas sobre: perfil dos investigados, formas de acompanhamento escolar desenvolvidas pelas famílias, aspirações das famílias em relação ao futuro escolar dos filhos; o motivo da escolha da escola em que seus filhos estudam; o significado da escola para a família; investimentos escolares.

As respostas obtidas pelos questionários ajudaram na identificação da concepção das famílias a respeito da educação dos filhos e se essa concepção assemelha-se ou difere da apresentada pelos respectivos filhos.

O questionário aplicado aos alunos, contém perguntas sobre o perfil geral dos alunos, representação da escola, aspirações dos estudantes em relação ao futuro, práticas desenvolvidas pela família para acompanhar seus estudos.

Algumas perguntas dos questionários foram feitas para a família e para alunos a fim de percebermos semelhança e diferença nas respostas.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de abril e maio, sendo a aplicação de cada questionário durava em torno de 40 min (quarenta minutos) a 1 h (uma hora). O resultado das análises será exposto no capítulo posterior.

Desenvolvimento do trabalho de campo: a escolha dos alunos e o encontro com as famílias:

Solicitamos ao professor do 5º ano B que nos indicasse três alunos que apresentassem em sua trajetória situações de fracasso escolar e que tivessem participado dos programas de aceleração. Depois de um primeiro contato com esses alunos, solicitamos ao professor que convidasse os familiares responsáveis dos mesmos a comparecerem à escola a fim de que pudéssemos verificar a possibilidade de participarem da pesquisa. No primeiro momento o professor concordou em colocar em prática esse encaminhamento, mas no dia seguinte, ao perguntarmos sobre o convite aos familiares, o professor alegou que não estabeleceu o contato porque, segundo o mesmo, a família não gosta de ir à escola. De fato, tal como nos assinala Bogdan e

Biklen (1994), um dos problemas que o investigador deve enfrentar no trabalho do campo é encontrar a disponibilidade dos sujeitos a participarem da investigação livremente. (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.115).

Diante desse obstáculo pedi permissão ao professor para falar diretamente com os alunos e explicar o motivo pelo qual gostaria de falar com seus responsáveis, ele permitiu e assim o fiz: expliquei que se tratava de uma pesquisa na qual era necessário o contato com seus responsáveis, os alunos ficaram temerosos com esse contato e principalmente ficaram sem jeito ao saber que eu iria visitar suas residências, perguntaram qual meu interesse em procurar a família deles, se era alguma reclamação que eu iria fazer. Depois das indagações expliquei novamente que iria visitar suas famílias não na condição de professora da escola, mas de pesquisadora. As atitudes dos alunos mesmo não sendo a professora da classe deles revelaram um pouco o que Bertan (2005) ressalta: quando a escola convoca a família á escola é para reclamar de alguma atitude de seus filhos.

Explicado e entendido o meu interesse em estabelecer um contato com as famílias desses alunos, pedi para que eles fossem os intermediadores e falassem com seus responsáveis para ver a possibilidade da minha visita em suas residências.

Na manhã seguinte perguntei se os responsáveis dos alunos tinham permitido minha visita e todos afirmaram que sim e, em seguida, indicaram seus endereços. Na tarde do mesmo dia visitei algumas residências. Conforme o que nos indicam Bogdan e Biklen (1994), os investigadores, freqüentam os locais de estudo procurando melhor compreender a realidade vivida pelos investigados se aproximando do contexto em que as ações se desenvolvem, de modo a melhor compreende-las desde que observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.48).

Desse modo, explicamos para os familiares o objetivo da pesquisa indicando claramente sobre a preservação de suas identidades. No início da aplicação do questionário notamos certa timidez por parte dos investigados a qual foi sendo superada no decorrer das perguntas o que nos possibilitou ouvir histórias de vida que extrapolaram as perguntas propostas no questionário.

Outro desafio que enfrentemos na aplicação dos questionários foi o fato de alguns dos investigados apresentarem dificuldades em responder as perguntas e por esse motivo estivemos atentos para adaptar nossa linguagem tornando as questões mais simples a fim de que eles as compreendessem. Aplicamos, nessa tarde, dois questionários a duas famílias, uma encabeçada por uma avó não alfabetizada que

atribuiu a esse fato não compreender o que eu estava perguntando, na outra família aconteceu algo semelhante quando a mãe, que estudou até o 2º ano do ensino fundamental, declarou, quando fiz uma das primeiras perguntas, que não entendia bem o que estava falando porque segundo ela, tinha pouco estudo.

Nossa presença nas residências nos permitiu observar o universo doméstico em que os alunos estão inseridos. Registramos nesse processo de visitação das famílias a simplicidade das residências pequenas e habitadas por muitas pessoas, o desemprego da maioria das entrevistadas; uma das mães com que tivemos contato nos confidenciou que não tinha trabalho formal e se mantinha financeiramente com o benefício do Bolsa Família e com o dinheiro que seus irmãos, que moram em outro estado, depositam para sua mãe.

O Bolsa Família é um Programas do governo Federal, o qual segundo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) consiste na transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza. Para obter o recebimento dessa Bolsa são colocadas algumas exigências aos demandantes, quais sejam: os compromissos nas áreas da Educação, da Saúde e Assistência Social assumidos pelas famílias para com seus filhos. São exigência que precisam ser cumpridos para que possam continuar a receber a Bolsa. Uma dessas condicionalidades, na área da educação, é um mínimo de 85% de frequência escolar para crianças e 75% para adolescentes entre 6 e 15 anos e para adolescentes entre 16 e 17 anos que compõem o núcleo familiar. Por intermédio de conversas informais com os professores, na opinião deles o programa Bolsa Família faz com que as famílias só coloquem seus filhos na escola visando o benefício sem que haja uma preocupação com o desenvolvimento escolar da criança e só comparecem na escola para justificar as faltas dos filhos de modo a evitar que sejam excluídos do Programa³.

Todas as famílias investigadas eram encabeçadas por mulheres, duas delas tendo como chefe de famílias as avós. De acordo Vitalle (2005), as transformações nos laços familiares apontam para a figura da avó como auxiliar na socialização da criança como também no seu sustento, são incumbidas, muitas vezes, de contribuir financeiramente além de cuidar dos netos uma vez que seus filhos dependem delas economicamente.

³ Informações mais detalhadas sobre o Programa Bolsa família podem ser obtidas no site: www.mds.gov.br.

Para entrarmos em contato com as famílias dos alunos com trajetória escolar de êxito, mediante autorização da professora, falamos diretamente com os alunos e assim como no caso anterior fomos às residências das famílias. Essas famílias tinham menos dificuldade em compreender as perguntas que formulamos nos questionários.

Contudo havia semelhanças no número de pessoas residentes na casa, as avós também moravam na mesma residência, mas as mães se responsabilizavam pelos assuntos escolares de seus filhos.

Aproveitamos à oportunidade de estarmos na casa dos alunos para realizamos a aplicação dos dois questionários, um direcionado aos alunos e outro as suas famílias. Alguns alunos ficaram tímidos, escondiam o rosto, esboçavam um sorriso sem graça e demoravam um pouco para responder as perguntas, porém outros, sem nenhum embaraço, responderam as perguntas do questionário e para esse registro utilizamos o mesmo procedimento usado no momento da ‘conversa’ com o responsável pela família, ou seja, anotamos as respostas dos alunos, contudo percebemos que as famílias falaram mais que seus filhos.

Foram, portanto investigados três alunos do sexo feminino e três do sexo masculino, dentre essas duas meninas e um menino apresentavam rendimento escolar baixo, dentre os três investigados que apresentavam um rendimento escolar satisfatório estavam dois alunos do sexo masculino e um do feminino. Assim, foram envolvidas na pesquisa 6 famílias.

Levando em consideração que nossa pesquisa se propôs analisar a concepção das famílias de classes populares sobre a educação e escolarização de seus filhos e seus reflexos sobre o desempenho do aluno em sala de aula, tivemos como sujeitos da pesquisas alunos de camadas populares com trajetória escolares de fracasso que tenham participado de programas de aceleração e alunos com trajetória de sucesso escolar que não passaram pela reprovação.

CAPÍTULO III

O OLHAR DAS FAMÍLIAS DE CLASSE POPULAR SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DE SEUS FILHOS:

Neste capítulo faremos, a partir das respostas obtidas junto às 6 famílias investigadas, uma análise dos dados a fim de que possamos melhor enfrentar nossa questão de pesquisa. Assim, os dados foram organizados e analisados em três blocos, sendo dois deles dedicados aos dados obtidos junto às famílias e outro dedicado às informações obtidas junto aos alunos. No primeiro bloco traçamos o perfil geral das famílias indicando sexo, idade, estado civil, grau de escolaridade, dentre outras informações que nos possibilitaram delinear um perfil geral das famílias investigadas.

No segundo bloco analisamos as concepções das famílias em relação à escolarização dos filhos e as estratégias desenvolvidas por elas para acompanhar seus estudos, as expectativas que as famílias nutrem em relação aos estudos de seus filhos, a representação da instituição escolar para os investigados.

No terceiro bloco analisamos os dados dos questionários aplicados aos alunos, filhos das famílias investigadas. As informações coletadas nos possibilitaram traçar um perfil geral dos alunos investigados e identificar suas aspirações em relação a sua escolarização, o olhar desse aluno sobre a atuação de suas famílias em seus estudos. Podemos, a partir das respostas, analisar a percepção da escolarização por parte dos alunos o que nos permitiu identificar e comparar os pontos comuns, ou antagônicos, em relação a percepção de suas famílias.

Perfil Geral das Famílias:

Tendo em vista que os sujeitos investigados são de famílias de classe popular, identificou-se a presença da mulher como chefe de família, provedora, que soluciona os problemas relacionados ao cotidiano doméstico e aos assuntos escolares de seus filhos. Conforme Romanelli (2000) existe uma diversidade na composição da instituição doméstica e houve um aumento das famílias formadas por uma mulher e seus filhos, resultante de uma ou mais uniões. (ROMANELLI, 2000 in CARVALHO, 2000. p. 74).

Quadro 1: Proporção quanto ao sexo dos chefes das famílias entrevistadas

(%)

Sexo	Proporção (%)
Feminino	100%
Masculino	-----
TOTAL	100%

Fonte: Questionários aplicados

Em relação à idade pudemos observar a presença da mulher idosa como provedora familiar. De acordo com Vitalle (2005), fatores como as dificuldades dos jovens em relação a sua participação no mercado de trabalho, gravidez na adolescência, prostituição, violência, drogas são fenômenos que tem crescido entre o segmento populacional mais jovem e repercutem nos idosos. Duas avós são responsáveis diretamente pelas crianças, porque os pais não moram na mesma residência. No primeiro caso os pais se separaram e a mãe não quis ficar com a guarda da filha, o pai como foi conviver com outra mulher, decidiu deixar a filha sob a responsabilidade da avó. No segundo caso, a avó passou a ser responsável pelos netos porque seu filho, pai das crianças, foi assassinado e como não sabia do paradeiro da mãe das crianças, passou a cuidar deles.

Em outras três famílias constatamos a figura da avó que compartilha com as mães a responsabilidade dos cuidados com as crianças da casa. Vitalle (2005) evidencia que dependendo da intensidade da convivência entre avós e netos, os avós podem se tornar parceiros dos pais na educação das crianças. Somente em uma das famílias investigada a avó não reside na mesma casa. Uma das avós responsável diretamente pela criança evidenciou que estava cansada pela idade, mas que se via na obrigação de cuidar da neta a qual considera como filha.

Quadro 2: Perfil das Chefes de Família quanto a Faixa Etária

Idade	Quantidade
--------------	-------------------

Até 20 anos	-----
20 a 30 anos	02
31 a 40 anos	02
41 a 50 anos	-----
51 a 60 anos	-----
Mais de 60 anos	02
Total	06

Fonte: Questionários aplicados

Com relação ao estado civil percebemos que nenhuma das investigadas é casada, duas são viúvas e três são mães solteiras. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1995 a 2005, indicam que a percentagem de famílias chefiadas por mulheres com filhos e sem cônjuge passou de 17,4% para 20,1% no Nordeste, e no Sudeste, de 15,9% para 18,3%.

Quadro 3: Perfil dos Investigados quanto ao Estado Civil

Estado Civil	Quantidade
Solteiros	03
Divorciados	-----
Casados	-----
Mora Junto	-----
Viúvos	03
Total	06

Fonte: Questionários aplicados

Durante nossa pesquisa nas residências das famílias observamos a simplicidade das residências pequenas com poucos cômodos, não possuem um espaço específico para estudo, às crianças dividem o quarto com outros adultos da casa e algumas chegam a dividir a cama com os irmãos, das seis famílias investigadas três possuem casas próprias e três alugadas.

Quadro 4: Perfil dos Investigados quanto a Moradia

Residência	Quantidade
------------	------------

Própria	3
Alugada	3
Cedida	----
Total	06

Fonte: Questionários aplicados

Nas residências moram entre quatro a doze pessoas o que aproxima as famílias estudadas daquilo que Mello (2000) denomina de aglomerados familiares composto por vários membros de uma mesma família.

O desemprego das mães das crianças, traço marcante nas famílias investigadas, gera uma dependência econômica. A avó passa a assumir o papel de provedora do lar, de uma família numerosa porque além dos filhos, vê-se na obrigação de sustentar os netos e esse sustento na maioria dos casos é proveniente de aposentadoria.

Quadro 5: Perfil dos Investigados quanto ao Número de Filhos e o Número de Pessoas que Moram na Casa

Número de filhos	Pessoas que residem na casa
05	08
06	12
02	07
07	06
02	07
01	04

Fonte: Questionários aplicados

Quanto à escolaridade uma das investigadas nunca frequentou a escola e não é alfabetizada, três frequentaram a escola por um período muito curto, onde aprenderem somente a escrever seus nomes e encerraram precocemente suas trajetórias escolares, duas porque os pais impediam de frequentar a escola e outra porque achava a escola um lugar “chato” onde foi submetida a maus tratos por sua professora. Apenas duas das chefes das famílias investigadas tiveram uma trajetória escolar mais longa, uma que conseguiu ingressar no nível superior em uma instituição superior, contudo não teve condições financeiras para manter-se no curso e a outra ingressou no nível médio, todavia não concluiu esse nível de ensino por causa da mudança no turno de trabalho.

Quadro 6: Perfil dos Investigados quanto o Grau de Escolaridade

Escolaridade das Chefes de Família	Quantidade
Ensino Fundamental Incompleto	03
Ensino Fundamental Completo	-----
Ensino Médio Incompleto	01
Ensino médio Completo	
Ensino Superior Incompleto	01
Ensino Superior Completo	-----
Não frequentou a escola	01
Total	06

Fonte: Questionários aplicados

Todas as investigadas declararam-se negras. Em relação à religião 3 (três) são evangélicas e 3 (três) católicas ao serem perguntada sobre o grupo social ao qual faz parte a igreja foi citada novamente.

Quadro 7: Perfil dos Investigados quanto a Religião

Religião	Quantidade
Católica	03
Evangélica	03
Espírita	-----
Não tem	-----
Total	06

Fonte: Questionários aplicados

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2003, o índice de pobreza da população de Maruim era de 63,98%. Confrontando esses dados com a situação financeira das famílias investigadas, constatou-se que três dessas famílias sobrevivem financeiramente por meio de aposentadoria; uma das famílias investigada sobrevive com uma renda inferior a um salário mínimo, que advém do benefício decorrente do Programa de transferência de renda Bolsa Família e de contribuições mensais que seus irmãos, que trabalham em outro estado, depositam em conta bancária; apenas uma das chefes das família investigada possui um vínculo empregatício, trabalha em uma fábrica; outra família

sobrevive financeiramente de uma pensão alimentícia que o pai das crianças deposita e também conta com a ajuda financeira da avó materna, que apesar de residir em outra casa contribui para o sustento da filha e dos netos.

Quadro 8: Perfil dos Investigados quanto à Renda Familiar

Renda Familiar	Quantidade
Menos de um salário mínimo	01
Até 1 salário mínimo	03
De 2 a 3 salários mínimos	02
Total	06

Fonte: Questionários aplicados

Em relação ao recebimento do benefício do Bolsa Família, três famílias declararam que são beneficiada com esse Programa de Governo, as demais não recebem o benefício, mas estão cadastrada para o recebimento.

Percebemos nas famílias investigadas a presença da mulher como chefe de família e é bem marcante o papel da mulher idosa, que depois de criar os filhos continua na posição de chefe de família mantendo ou ajudando a manter filhos e netos. A ausência da família nuclear composta de pai, mãe e filhos fica evidente nessas famílias.

Observamos a simplicidade das casas onde moram essas famílias, sem espaço suficiente para comportar o número expressivo dos residentes. Em decorrência dessa falta de espaço as crianças dividem os quartos com os adultos da casa, não possuindo um espaço apropriado para estudar, nem tão pouco para brincar.

Em relação à escolaridade das chefes de família pode-se observar as dificuldades em estudar no tempo em que eram crianças o que resultou em mulheres com baixa escolaridade. Aquelas que conseguiram ter uma trajetória escolar mais longa, por razões financeiras, não concluíram o nível de ensino na qual estavam.

A situação econômica das famílias investigadas está, de certa forma, associada ao baixo nível de escolaridade das responsáveis pelo sustento da casa. Como as mesmas possuem um baixo nível de escolarização, a dificuldade para a inserção no mercado formal de trabalho aumenta. Por conseqüência, essas famílias passam a depender de programas assistenciais do governo, como por exemplo, o Bolsa Família, direcionado a famílias que vivem em situação de pobreza e extrema pobreza.

As concepções das famílias em relação à escolarização de seus filhos e as estratégias desenvolvidas por elas para acompanhar os seus estudos.

Nesse bloco analisaremos a concepção das famílias, como nos comprometemos com famílias investigadas preservaremos a identidade dos sujeitos pelo anonimato e para identificamos a falas usaremos para cada família investigada uma letra.

Para facilitar a identificação traçaremos um breve perfil das 6 famílias pesquisadas nos referindo ao chefe de família que nos concedeu as informações

A Família “A” tem o nível superior incompleto, mora com a mãe, mas é responsável pelos assuntos escolares da filha. Família “B” trabalha na fábrica, nível médio incompleto mora também com a mãe, contudo é responsável direta pela escolarização do filho. Família “C”, não é alfabetizada, seu filho faz parte do grupo de sucesso escolar. Família “D”, a família é chefiada pela avó, nunca frequentou a escola, não é alfabetizada, sua neta está no grupo do insucesso escolar. Família “E”, a mãe frequentou a escola até o segundo ano, não é alfabetizada, mora com a mãe, não tem emprego, sobrevive de doações. Família “F” frequentou a escola por pouco tempo, não é alfabetizada, cria os netos porque seu filho morreu.

Ao serem indagadas sobre as perspectivas que as famílias nutriam em relação ao futuro escolar de seus filhos, todas responderam que gostariam que os filhos chegassem ao nível superior. *“Espero que ele chegue aonde eu não cheguei, que chegue na faculdade.”* (família “B” mãe de aluno com sucesso escolar). Outras investigadas evidenciaram:

Espero que meus filhos terminem os estudos por completo, faça uma faculdade, estamos investindo muito nos estudos deles, a oportunidade que eu não tive de fazer uma faculdade, espero que ele tenha. (família “A” mãe de aluno com sucesso escolar).

Uma oportunidade melhor, faça uma faculdade, pra poder ter um bom emprego, pra ser alguma coisa, eu quero que ele tenha o que eu não tive meu pai não me deixava estudar. (família “C” mãe de aluno com sucesso escolar).

Segundo Lahire, os pais sacrificam a vida pelos filhos para que cheguem aonde gostariam de ter chegado. (LAHIRE, 2008 P.29).

A questão de ter o nível superior para conseguir um bom emprego é algo recorrente na fala das famílias, pois para elas, atualmente, só tem uma boa colocação no mercado de trabalho quem conclui esse nível de ensino. Algumas das chefes de família, apesar de desejarem esse patamar nos estudos de seus filhos não acreditam, de fato, que eles consigam esse êxito.

De querer eu queria que ela terminasse os estudos, fosse pra faculdade, mas ela não gosta de estudar, só vive passando de ano empurrada, só quer saber de falar de namorado e os estudos que bom, nada. (família “D” avó de aluno com insucesso escolar).

Com relação ao que a escola representa para as famílias, a maioria respondeu “tudo”, mas esse “tudo” não se define da mesma forma. O “tudo” que as famílias mencionam pode se referir à aprendizagem, colocação no mercado de trabalho e até a livrar os filhos da marginalidade.

A escola é tudo na vida, está tirando meu filho da rua, das drogas, do álcool, enquanto meu filho está na escola eu fico despreocupada, lá eu sei que os professores são mais que pais e lá ensinam o melhor pra ele. A educação de casa e da escola não permite que meus filhos sejam viciados. (família “F” avó de aluno com insucesso escolar).

Observamos a partir da fala da investigada o papel socializador que a mesma atribui à escola. Conforme Paixão (2005) a socialização que a escola desempenha deveria, na visão da família da camada popular, abranger também o conhecimento da realidade do mundo em que vivem. É o que Debarbieux (2001) aponta como papel socializador da escola na prevenção da delinquência juvenil.

Outra preocupação que as famílias evidenciam em sua fala é a vinculação do mercado de trabalho com a escola. Para essas famílias o importante é que seus filhos consigam uma qualificação via escola para ingressar no mercado do trabalho “*A escola é tudo hoje em dia se não estiver estudando não consegue trabalhar*”. (família “C” mãe de aluno com sucesso escolar).

Pedimos para as famílias comparar a escola na época em que estudavam e a escola em que seus filhos estudam. Diferentes respostas foram dadas pelas famílias, algumas disseram que em relação ao ensino está melhor. “*Assuntos que eu estudei na quinta série meus filhos já estudam no segundo ano*”. (família “B” mãe de aluno com

sucesso escolar). *“Hoje está bem melhor, as professoras não bate mais”*. (família “E” mãe de aluno com insucesso escolar). Debarbieux (2001), fazendo uma análise sobre a violência física nos estabelecimentos escolares, evidencia como parte dessa violência, castigos corporais (palmadas ou tapas) aplicados pelos professores aos alunos principalmente das escolas primárias.

A questão da multiplicação dos programas de governo foi citada como elemento de mudança ocorrida no âmbito escolar, facilitando a permanência da criança na escola. *“Antigamente era muito difícil estudar a gente tinha que trabalhar e hoje a criança estuda e ainda ganha pra isso”*. (família “F” avó de aluno com insucesso escolar). *“hoje tá mais fácil estudar a criança ganha o bolsa família, já é uma ajuda pra casa”*. (família “E”, mãe de aluno com fracasso escolar).

Uma das investigadas analisando o funcionamento da escola no tempo em que estudava com a escola da sua filha declarou que no seu tempo de estudante a escola era mais dinâmica *“A escola mudou muito, hoje está menos dinâmica, fala-se pouco em cultura e não tem eventos de arte como no meu tempo de estudante”* (família “A” mãe de aluno com sucesso escolar). Outra respondeu:

Mudou muito, umas coisas pra melhor e outras pra pior. O estudo hoje está melhor, mas a violência está pior. As professoras antigamente batiam nos alunos e eles ficavam quietos, os pais não reclamavam, hoje em dia os professores estão correndo risco, não batem mais nos alunos e os alunos é que querem bater no professor. (família “F” avó de aluno com insucesso escolar).

Debarbieux (2001) ao analisar a violência nos espaço escolar evidencia que muitos estudos apontam como fatores dos quais supostamente a violência emana, dentre eles estão: à decadência das normas familiares, dos costumes educacionais, as insuficiências políticas e a frouxidão dos professores.

Em relação aos motivos que influenciaram a família na escolha da escola na qual seus filhos estudam, uma investigada falou que até o 2º ano sua filha estudava na rede particular de ensino e por uma questão financeira colocou a filha na escola pública, entretanto percebeu que a escola pública é melhor do que ela pensava, *“antigamente achava que a escola particular era melhor”*. (família “B” mãe de aluno com sucesso escolar) Outra investigada disse que todos os seus filhos tinham estudado naquela escola e ela gostava dos professores que ensinavam ali.

Uma mãe evidenciou que sua filha estudava em outra escola, mas como lá tinha muita briga resolveu matriculá-la nessa escola e estava feliz com a decisão. Outra mãe declarou que seu filho estudava anteriormente em uma escola particular, porém não estava aprendendo e *“nessa ele está se desenvolvendo voltou a ter interesse pelo ensino”*. (família “B” mãe de aluno com sucesso escolar). Outra investigada relatou que tinha matriculado seus filhos porque aquela escola era considerada, na região, como a melhor. *“Porque é uma escola perto de casa, que ensina bem. O ensino é bom, os professores são bons”*. (família “C” mãe de aluno com sucesso escolar).

Nogueira (1998), analisando a escolha dos estabelecimentos de ensino pelas famílias das camadas populares, aponta critérios para essa escolha tais como: segurança, distância da residência, facilidade de locomoção, dentre outros. Essas famílias são dependentes do contexto local e espera da escola do bairro uma boa educação para os filhos e não visam procurar outros estabelecimentos bem conceituados. Tal postura difere-se das famílias das classes mais favorecidas que demonstram preocupação, dentre outros fatores, com as políticas e com os métodos de ensino dos estabelecimentos em que seus filhos ingressam.

Ao serem perguntados sobre investimentos na compra de materiais didáticos dos filhos a maioria das famílias disse que compravam caderno, borracha, lápis, canetas, coleções de livros, outros disseram que não compram livros porque a escola dá.

Uma das perguntas contidas no questionário era se a escola trazia boas ou más recordações, uma das mães falou que a escola lhe trazia más recordações por causa das professoras que castigavam e batiam, puxavam a orelha, *“por causa disso não aprendi a ler”* (família “E” mãe de aluno com insucesso escolar) as outras falaram das boas recordações, *“a escola me faz lembrar a infância, as amizades”*. (família “B” mãe de aluno com sucesso escolar) . Sobre as lembranças da escola uma investigada evidencia:

O pouco tempo que passei na escola aprendi fazer meu nome, era mais difícil, tinha que trabalhar, sinto falta até hoje da escola, até agora fico triste por ver as pessoas lendo e escrevendo e eu não. Eu gostaria de ser igual as pessoas que sabem ler e escrever. Eu não pude estudar, meu pai não deixava, dizia que eu tinha que trabalhar, comecei a trabalhar em casa de família com 12 anos fui babá, naquele tempo era difícil, tinha que marcar o dias pra estudar, lembro que as aulas é pelo rádio. Eu não pude estudar, mas quero dar essa oportunidade para meus filhos. (família “F” avó de aluno com insucesso escolar).

Marine e Mello (1999), analisando as dinâmicas que as famílias populares criam para resguardar a infância dos filhos, apontam a preocupação que essas famílias

têm em mantê-los na instituição escolar visando dessa forma conquistar um futuro melhor do que o que elas tiveram.

Sobre as formas de acompanhamento escolar de seus filhos algumas famílias falaram que contribuem para a escolarização de seus filhos, fazendo com que eles freqüentem a escola, só permitem que eles faltem à aula se estiverem doente, outras, explicando que é preciso respeitar o professor e prestar atenção ao assunto. Sobre esse assunto Lahire (2008) ressalta que a fim de suprir a carência de domínio escolar à família passa a requerer de seus filhos bom comportamento no ambiente escolar, respeitando a autoridade do professor, prestando atenção na aula. Uma das entrevistadas ressaltou:

Ajudo nas pesquisas, na questão cultural, procuro participar de todas as atividades das mais simples até as mais complexas, os conteúdos que ela não consegue entender em sala de aula eu ajudo em casa passando exercício sobre o assunto. (família “A” mãe de aluno com sucesso escolar).

Lahire (2008) aponta para o fato das famílias dedicarem seu tempo livre para auxiliar seus filhos nas tarefas escolares, aumentando o número de exercícios, tomando lições, fazendo com que seus filhos leiam para eles trecho de algum livro.

Outras mães por não ser alfabetizadas e por não ter domínio dos assuntos escolares desenvolvem outras estratégias de acompanhamento de estudo. Dentre essas estratégias uma das famílias fala:

Como não sei ler mando minha filha mais velha olhar o caderno de minha filha mais nova e peço pra que ela ensine o dever á irmã. (família “E” mãe de aluno com insucesso escolar).

Quando ele chega vai pra televisão eu digo que não é pra assistir a TV, só depois de fazer o dever de casa. Ele escreve, escreve, só que eu não sei se ele está fazendo o dever, ou me enganando. (família “F” avó de aluno com insucesso escolar).

Ao serem perguntadas sobre os anseios das famílias em relação à escola na qual seus filhos estudam, algumas famílias responderam que deveria “*puxar mais nos estudos*” (família “D” avó de aluno com insucesso escolar). Outras disseram que do

jeito que está bom, uma mãe disse que esperava mais doação por parte dos professores em estar em sala de aula não fazendo greve. Outra investigada apontou a questão do respeito a regras como essencial para o bom funcionamento da escola. Sobre esse assunto a responsável pela família falou:

Espero que melhore mais. Que a escola exija o fardamento completo, no meu tempo era assim, na firma ninguém vai do jeito que quer, mas na escola todo mundo faz o que bem entende, não tem mais regras, os pais vão para a televisão denunciar a diretora porque proíbe o menino de entrar sem farda eu acho isso muito errado, não tem regras começa do fardamento e depois os alunos não obedecem à regra nenhuma. (família “F” avó de aluno com insucesso escolar).

Ao falarmos com a família a respeito da frequência e das circunstâncias que as levam a procurarem a escola, a maioria afirmou que iam com frequência à escola. Em relação às circunstâncias algumas investigadas relataram que iam à escola para saber do comportamento dos filhos, outras falaram que quando seus filhos faltam a aula vão a escola para saber o assunto do dia e também comparecem na escola antes das provas para saber os assuntos que serão exigidos na avaliação.

A questão do relacionamento família-escola também foi abordada no questionário, quando perguntamos aos investigados se a escola se relacionava bem com a família. Sobre esse aspecto apenas uma das chefes de família disse que não tinha um bom relacionamento com a escola, mas conseguia manter um bom relacionamento com a professora *“nas reuniões não dá pra gente se expressar. Falta uma reunião mais estreita com os pais”* (família “A” mãe de aluno com escolar). O restante das famílias declarou que estavam satisfeitas com a escola. *“Sim por ser uma escola pública está melhor do que a que ele estudava”* (família “B” mãe de aluno com sucesso escolar).

Todas as famílias investigadas afirmaram que nunca sofreram discriminação por parte da escola.

Analisando as concepções das famílias por intermédio dos dados obtidos observamos que as famílias investigadas, independente da trajetória de seus filhos, almejam que os mesmos ingressem no nível superior.

As famílias conceituam bem a escola, contudo algumas famílias salientam a função socializadora dessa instituição, outras valorizam a escola como porta para o mercado de trabalho. A escola também está relacionada à aprendizagem.

A maioria das famílias investigadas acredita que a escola vem melhorando ao longo do tempo, citam os programas de governo de transferência de renda como o Bolsa

Família como apoio para que as crianças continuem na escola, e para elas o ensino ministrado na escola vem melhorando.

Algumas famílias apontam para a violência na escola: uma das mães sendo vítima da violência por parte da professora, segundo seu relato, e outra evidencia a violência advinda dos próprios alunos.

Em relação às estratégias adotadas pelas famílias para o acompanhamento escolar dos filhos, algumas por não serem alfabetizadas não ajudam diretamente nas atividades escolares, porém solicitam ajuda aos filhos mais velhos para auxiliarem os mais novos, ou ainda, quando não podem utilizar essa estratégia, reserva, um tempo para que o filho estude e ficam observando, mesmo sem ser alfabetizada, se o filho está lendo ou fazendo as atividades escolares.

No bloco seguinte apresentaremos os dados sobre a escolarização na visão dos filhos das famílias investigadas que também são sujeitos da nossa pesquisa.

Perfil geral dos alunos:

Usaremos nesse bloco o mesmo critério de identificação que empregamos na identificação das famílias a mesma letra que representou a família foi utilizada para o aluno

Os alunos investigados estão na faixa etária entre 9 a 14 anos, três deles passaram por programas de aceleração e os outros três são alunos sem histórico de repetência escolar. Todos estão cursando o 5º ano do ensino fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Coronel Sabino Ribeiro, os três que passaram pelo programa de aceleração cursam o 5º ano B e os demais com trajetória de êxito escolar cursam o 5º ano A.

Quadro 9: Perfil dos 3 alunos investigados do 5º ano A, quanto ao sexo e idade.

Sexo	Idade	Quantidade
Feminino	09 anos	01 aluna
Masculino	10 anos	01 aluno
Masculino	10 anos	01 aluno

Fonte: Questionários aplicados

No 5º ano A estão os alunos sem distorção idade-série e no 5º Ano B estudam alunos com e sem distorção idade-série.

Quadro 10: Perfil dos 3 alunos investigados do 5º ano B, quanto ao sexo e idade.

Sexo	Idade	Quantidade
Feminino	14 anos	01 aluna
Feminino	12 anos	01 aluno
Masculino	12 anos	01 aluno

Fonte: Questionários aplicados

Todos os investigados moram próximo à escola, já estudaram em outros estabelecimentos de ensino, porém estão matriculados há mais de dois anos na E.M.E.F. Cel. Sabino Ribeiro.

Os três investigados com problemas de distorção idade-série participaram do Programa Acelera e um deles também já participou do programa Se Liga. O aluno que participou do programa Se Liga estava na 2ª ano e foi promovido para 4º ano, participou ainda do programa Acelera do 4º ano e foi promovido para 5º ano. Os outros dois alunos que participaram do programa Acelera estavam cursando o 4º ano e foram promovidos para o 5º ano.

Escolarização na visão dos alunos:

Ao perguntamos aos alunos se eles consideram a escola um local atrativo, uma das investigadas disse que não, que preferia ficar em casa porque, segundo ela, em casa *“eu tenho muito que fazer, ajudo minha mãe”* (aluno do ano 5º B, 12 anos, família “E”). Outro investigado relatou o motivo pelo qual gostava da escola *“gosto da escola porque o espaço é grande dá pra brincar, tem biblioteca é o lugar onde encontro meus colegas”* (aluno do ano 5º B filho, 12 anos, família “F”). Outros dois dos alunos responderam também: *“gosto da escola porque lá tem educação”* (aluno do ano 5º A, 9 anos família “A”). *“Gosto. Vou para a escola pra estudar.* (aluno do ano 5º A, 10 anos, família “C”).

Com relação às atividades escolares os alunos declararam que necessitam de ajuda para realizá-las. Um dos investigados disse que pede ajuda a professora da banca, outro a cunhada, duas disseram que pedem auxílio às amigas e um dos investigados relatou que pede a ajuda da mãe.

Quando perguntamos se as famílias os mandavam estudar em casa, todos os investigados disseram que sim: uma aluna falou que a mãe passava atividades extras para que ela resolvesse e outras mães deixam de castigo para estudar.

Minha mãe pede pra eu sentar na cadeira ela olha meu caderno e manda eu responder, se eu não souber ela me ensina, ela passa mais dever pra mim pra eu aprender mais. (aluno do ano 5º A, 9 anos, família “A”).

Ela diz estude pra passar de ano, se você passar, eu dou um presente. (aluno do ano 5º B, 12 anos, família “F”).

Manda eu estudar, me deixa de castigo, conversa dizendo que a escola é importante pra eu ter um emprego. (aluno do ano 5º B, 14 anos, família “D”).

Perguntamos aos alunos se eles tinham o material escolar suficientes para atender suas necessidades em sala de aula. Dois disseram que gostariam de ter mais materiais escolares “*Gostaria de ter mais materiais, lápis, cadernos, livrinho pra eu ler*”(aluno do ano 5º B, 12 anos, família “E”). “*Preciso de mais coisas, caderno, canetas, corretivos*” (aluno do ano 5º B, 12 anos, família “F”). Os demais investigados disseram que tinham os materiais suficientes para realizar as atividades escolares.

Ao serem perguntados de que forma eles recebiam incentivo por parte de suas famílias em seus estudos, um dos investigados disse que não e o restante disseram que sim e responderam que as famílias incentivam por intermédio da conversa.

Perguntamos aos alunos se as famílias costumam conversar com eles sobre assuntos escolares, todos responderam que sim. “*Eles me aconselha pra eu estudar, pra que eu tenha um bom futuro*” (aluno do ano 5º B filho, 12 anos, família “F”), “*estude pra não varrer rua*”, (aluno do ano 5º B, 14 anos, família “D”), “*É pra estudar pra passar de ano, se não me bate*. (aluno do ano 5º A, 10 anos família “C”), “*Sem estudo, uma profissão a gente não é nada*”. (aluno do ano 5º A, 9 anos família “A”)

Sondamos as expectativas dos alunos em relação ao nível de ensino onde eles almejam chegar. Ficou nítido na fala deles o desconhecimento do sistema escolar. “*Até que ano os estudos acabam?*” “*Depois do 3º ano vem o quê*” (aluno do 5º B, 12

anos, família “E”), *”Vou estudar até o 3º ano”* (aluno do ano 5º A, 9 anos família “A”), *“Até ter um emprego”* (aluno do ano 5º B, 14 anos, família “D”).

Perguntamos aos alunos o que eles esperam alcançar estudando, todos responderam que almejam, por intermédio dos estudos, conseguir um bom emprego. Para eles o estudo se configura como uma boa chance para ingressar no mercado de trabalho.

Por fim, perguntamos aos alunos o que a escola representa para eles: os alunos com trajetória de fracasso escolar responderam que a escola é um lugar atrativo, pois caracteriza-se como um ponto de encontro com os amigos e um espaço para brincar; já os alunos com trajetória de sucesso escolar, relataram que a escola é um espaço de aprendizagem. Diante desta afirmativa, nota-se que a escola para o primeiro grupo apresenta-se como ambiente de socialização, e para o segundo grupo como espaço de obtenção de conhecimento.

Os alunos dos dois grupos pedem auxílio nas atividades de casa, somente um dos alunos do grupo do “sucesso” cita que conta com o auxílio da mãe, os demais contam com auxílio de outras pessoas.

O diálogo é um recurso citado pelos alunos como uma maneira de incentivá-los em seus estudos. A família, de acordo com a fala dos alunos, tenta inculcar em suas mentes que o estudo é imprescindível para obtenção de um bom emprego. É importante destacar que as famílias desejam que seus filhos estudem até obter um diploma de nível superior, contudo a fala dos alunos revela a falta de conhecimento, pois para eles os estudos terminam no ensino médio.

Paralelo entre a concepção das famílias e filhos:

Os dados obtidos junto às famílias investigadas demonstram que nos dois grupos, aquele em que os filhos apresentam êxito e aquele em que os filhos apresentam fracasso escolar, nutre-se o desejo que seus filhos ingressem no nível superior, contudo observamos nas falas dos alunos que nenhum deles evidenciou esse desejo, conhecendo somente o nível médio que é ofertado no município.

Referindo-se a questão da percepção sobre a escola, observamos que para o grupo das famílias com aluno de sucesso escolar a escola representa um local de aprendizagem, para o grupo das famílias do fracasso escolar a escola está mais voltada para socialização e inserção dos filhos no mercado de trabalho. Existe nesse ponto

aproximação de respostas entre a família e alunos, uma vez que, para algumas crianças com trajetória de fracasso a escola é um espaço de socialização.

Em relação às formas de acompanhamento nas atividades escolares, somente uma aluna relatou que recebe ajuda direta da mãe na realização das atividades, essa aluna faz parte do grupo de sucesso escolar e a sua fala se aproxima a da sua mãe quando o acompanhamento foi questionado às duas.

As famílias investigadas declararam que solicitam aos seus filhos que estudem em casa, fato este confirmado pelos dois grupos de alunos. Este fato revela que o diálogo é uma estratégia de acompanhamento escolar desenvolvida por essas famílias.

A respeito de investimento em material escolar, as famílias dos dois grupos disseram que investiam em materiais escolares, contudo dois dos alunos com baixo desempenho declararam que o material escolar que eles possuíam não era suficiente para desenvolver bem as atividades em sala de aula.

Um ponto em comum nas falas das famílias e filhos é a questão do estudo como forma de acesso ao mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa demonstra que as famílias de classe popular do município de Maruim nutrem em relação ao futuro escolar de seus filhos a expectativa de que os mesmos ingressem no nível superior. Indicando que as famílias atribuem à escola um papel socializador no qual a escola é uma via para inserir seus filhos no mercado de trabalho.

Verificou-se que as famílias investem na educação de seus filhos para que eles cheguem ao nível superior de ensino, entretanto incertezas permeiam essas expectativas, pois o fracasso escolar que alguns desses alunos experimentam torna-se um entrave para essa conquista. Todavia, o insucesso escolar nas séries iniciais do ensino fundamental não é um determinante para afirmar que uma pessoa irá ou não ingressar no ensino superior.

A instituição escolar é valorizada por essas famílias, para elas a escola vem melhorando no decorrer dos anos. De acordo com as investigadas houve uma melhora no ensino público, contudo a questão da violência no ambiente escolar vem assustando as famílias.

É possível afirmar que para essas famílias os programas de governo como o Bolsa Família têm contribuído para que as crianças permaneçam na instituição escolar prolongando assim a sua trajetória escolar.

Sobre a forma de acompanhamento escolar desenvolvida pela família, constatamos que as estratégias adotadas por essas famílias vão depender do conhecimento escolar que elas possuem. Sendo assim, quando a responsável é escolarizada pode ajudar diretamente nas atividades escolares, quando não são alfabetizadas delegam aos filhos mais velhos essa função ou, na ausência dessa possibilidade, reservam um tempo para que seus filhos estudem, observando se os mesmos estão realizando as atividades de casa.

Ficou constatado nessa pesquisa que os motivos mais frequentes que levam as famílias a comparecer na instituição escolar são questões relacionadas ao comportamento dos alunos, a família acredita que o comportamento está relacionado ao aproveitamento escolar, por essa razão primam pela boa conduta do seu filho no ambiente escolar. Essas costumam conversar com seus filhos sobre a importância da escola tentando, dessa forma, conscientizá-los sobre o valor dos estudos.

Por se tratar de dois perfis de alunos com trajetória escolar diferentes, marcada pelo sucesso, e o outro perfil com trajetória de fracasso, porém todos da mesma classe social. Identificamos que a família do grupo de sucesso escolar teve uma trajetória escolar mais longa o que pode ter favorecido no desempenho do aluno em sala de aula, uma vez que esse fato possibilita a família auxiliar diretamente nas atividades escolares. Contudo não podemos vincular o sucesso escolar a esse fato, visto que em um dos casos investigados verificou-se o encontro do sucesso escolar com o analfabetismo, porquanto um aluno, membro da família “C”, apresenta em sua trajetória sucesso escolar, enquanto a sua mãe não é alfabetizada. Apesar da família “C” desenvolver estratégias de acompanhamento escolar semelhante a das outras famílias em que as chefes de família não são alfabetizadas, essa se destaca pelo fato de seu filho alcançar sucesso em sua trajetória escolar, ao contrario dos demais alunos que se enquadram neste perfil, os quais apresentam fracasso em sua trajetória escolar.

REFERÊNCIAS:

ALVES, N. & GARCIA, R. L. (org.). **O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União. Brasília, 23 de dez. de 1996.

BERTAN, Levino. **A Relação Escola-Família: Um Espaço Negado aos Pais?** Disponível em <http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/view/212>. *Colloquium Humanarum*, Vol. 3, No 2 (2005) Em 21 nov. 2010.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org). **A família Contemporânea em Debate**. 3. ed São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000.

DEBARBIEUX, Eric. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100011. Acesso em 05 de jun. 2011.

CHECHIA, Valéria Aparecida; ANDRADE, Antônio dos Santos. **O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 28 de Nov. 2010.

CUNHA, Luiz Antônio. **Educação e Desenvolvimento Social do Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GOMES, Jerusa Vieira. Família: cotidiano e luta pela sobrevivência. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org). **A família Contemporânea em Debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000. p. 61-71.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mapa de Pobreza e Desigualdade - Municípios Brasileiros 2003. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acessado 17 de Junho de 2011.

Instituto Ayrton Senna. Disponível em http://senna.globo.com/institutoayrtonenna/programas/programas_educacao_formal.as p. Acesso em 17 de jun. 2011.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**. São Paulo: Ática, 2008.

MARINI, F. e MELLO, R. **Relação entre escola e família de classes populares: desconhecimento e desencontro.** Disponível em www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0606t.PDF. Acesso em 04 de jun. 2011.

MELLO, Sylvia Leser de. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org). **A família Contemporânea em Debate.** 3. ed. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000. p. 51-60.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e Criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

Ministério do Desenvolvimento Social e combate á fome. Disponível em <http://www.mds.gov.br/>. acessado em 22 de novembro de 2010.

NOGUEIRA, M. A. **A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias:** A ação discreta da riqueza cultural. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 1998.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins, NOGUEIRA, Maria Alice. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições.** Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril/2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>. Acesso em 16 de jun. 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio. **Escritos de educação.** Petrópolis, Rj: Vozes, 1998.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Estratégias de socialização: **consonância e dissonância na relação escola-família.** Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT14-4261--Int.pdf>. Acesso em 20 de mai. 2011.

PAIXÃO, Lea Pinheiro, ZAGO, Nadir (org.). **Sociologia da Educação; pesquisa e realidade brasileira.** Petrópolis; RJ: Vozes, 2007.

PARO, Vitor H. **Gestão democrática da escola pública.** Ática, 2004.

PEREIRA, Adriana da Silva Alves. **Sucesso escolar de alunos dos meios Populares: mobilização pessoal e Estratégias familiares.** Dissertação de mestrado em Educação, Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005. Disponível em http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_PereiraAS_1.pdf . Acesso em 20 Nov. 2010.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org). **A família Contemporânea em Debate.** 3. ed. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000. p. 73-88.

ROMANELLI, Geraldo. **O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias.** R. bras. Est. Pedag, Brasília, v.76,n.184, p. 445-476 set./dez. 1995. Disponível em www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/268/269. Acesso em 16 jun. 2008.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “teorias” de família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org). **A família Contemporânea em Debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 23-27.

TORRES, Lianna de Melo; JESUS, Sonia Meire Santos de Azevedo. **Política pública de educação para as séries iniciais – estudo sobre os programas ALFA e BETO, SE LIGA e ACELERA nas escolas públicas da rede estadual de Sergipe**. Aracaju, Síntese, 2008.

TORRES, Maria Benedita Lima Della. **O homem e a sociedade: uma introdução à sociologia**. São Paulo: Nacional, 1974.

VITALE, Maria Amália. Avós: Velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, A.R. VITALLE, M.F.(org). **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

QUESTIONÁRIO PARA FAMÍLIA

1 - Sexo: Feminino Masculino

2 - Faixa etária:

até 20 anos de 20 á 30 anos de 31 a 40 anos de 41 a 50 anos

de 51 a 60 anos mais de 60 anos

3 - Sua casa é: Própria Alugada Cedida

4 - Quantos filhos? _____

5 - Quantas pessoas moram em sua casa? _____

6- Grau de escolaridade:

ensino fundamental incompleto ensino fundamental completo

ensino médio incompleto ensino médio completo

ensino superior incompleto ensino superior completo

7 - Principal ocupação profissional: _____

8 - Você é: Branco Negro Pardo Amarelo Indígena

9 - Tem alguma religião? _____ Se tem, qual? _____

10- Participa de algum tipo de grupo, associação, clube?

Igreja Partido Político Sindicato

Nenhum Outros: _____

11 - Como se mantém financeiramente: Trabalho Formal Trabalho Informal.

12- Renda familiar:

até 1 salário mínimo de 2 a 3 salários mínimos de 4 a 5 salários mínimos

13 - Recebe Bolsa família: () Sim () Não

14 - Você participa da vida escolar de seu(s) filho(s)? De que forma?

15 - Você consegue ir regularmente a escola em que seu(s) filho(s) estuda(m)? Em quais circunstâncias?

16- Você acha que a escola que seu(s) filho(s) estuda(m) se relaciona bem com a família? Em quais situações?

17- Você já se sentiu, de alguma forma, discriminado pela escola? De que forma?

18- De que maneira você acha que contribui para a educação de seus filhos?

19- O que você espera da escola em que seus filhos estudam? Você acha que ela poderia ser diferente?

20- O que representa ou qual é o significado da escola para você?

21- Você acha que a escola mudou do seu tempo até hoje? Por quê?

22- A escola lhe trás boas ou más recordações?

23- Quais as perspectivas que vocês nutrem em relação ao futuro escolar de seus filhos?

24- Vocês investem na compra de materiais escolar de seus filhos? Que tipos de materiais?

25- Quais motivos lhe influenciaram na escolha da escola de seus filhos?

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1 - Idade:

2 - Sexo: () Feminino () Masculino

3 - Você mora longe ou perto da escola?

4 - Você já estudou em outras escolas?

5 - Já repetiu de ano? Em qual ou quais séries?

6 - Caso tenha reprovado, já participou dos programas “Se Liga” e/ou “Acelera”, e em que ano estava e para qual ano foi promovido?

7 - O que a escola representa para você?

8 - O que você espera da escola?

9 - E sua família o que pensa sobre a escola?

10 - Sua família costuma incentivá-lo nos estudos? De que maneira?

11 - Com relação às atividades escolares, você:

() faz sozinho as tarefas escolares

() pede ajuda nas tarefas escolares

() precisa ser mandado para fazer as tarefas escolares

12 - Sua família solicita que você estude no seu tempo livre? De que forma?

13 - Você tem o material necessário para estudar?

14 - Você recebe incentivo por parte de sua família em seus estudos? De que forma?

15- Sua família costuma conversar com você sobre assuntos escolares? A cerca de quê?
